O COSMOPOLITA

Orgam dos Empregados em Hoteis, Restaurants, Cafés, Bars e classes conjeneres

ANO II — N. 7 | RIO DE JANEIRO, 1 DE FEVEREIRO DE 1917 | REDAÇÃO: RUA DO SENADO, 215 -217 — Telefone C. 1.499

Os impostores profissionais

MEDEIROS E ALBUQUERQUE E OS OPERARIOS

"Não é digno de trabalhadores honestos e concienciozos deixarem-se explorar por ajitadores profissionais".

Essa calunia com a qual o Sr. Medeiros e Albuquerque pretende ferir o proletariado conciente que neste momento angustiozo de mizerias e sofrimentos, pretende organizar uma série de comicios publicos nos quais analizar-se-á os fatores da tremenda crize economica que abala os alicerces da sociedade capitalista, não é ironia, é antes um escarneo lançado ás faces daqueles que vivendo na mais aviltante das mizerias, privado de todos os direitos á vida, vêm-se na contingencia de protestar veementemente contra os abuzos dos potentados que amaçam arrebatar-lhe o mizero pedaço de pão que lhes resta ainda nos seus lares.

A calunia é a arma predileta da impotencia, e quando uma intelijencia vivaz como a de Medeiros e Albuquerque se sente impelida a lançar mão dela para justificar o mal estar do proletariado como lei natural, é uma consequencia logica do arrojo de propor-se a defender uma cauza que está fóra de todos os principios de justiça.

Quando o poder incontrastavel da lojica não proporciona irrefutaveis argumentos aos individuos para defender uma determinada teze, eles podem possuir uma clara intelijencia e um poder de expressão incomparavel, que não evitarão que a sua cauza seja um cazo irremediavelmente perdido.

Não importa que a sociedade capitalista conte com um elevado numero de defensores como Medeiros e Albuquerque. A cada momento acentúa-se com mais evidencia a ineficacia dos seus processos indignos, com os quais patrocinam a cauza dos privilejiados.

Nada mais facil do que as eminencias da literatura dourada manejar as armas indecorozas da mentira para estabelecer a discordia no seio do proletariado e estacionar as suas mais nobres aspirações num ambiente asfixiante de pessimismo e desconfiança.

Esse é o complemento da obra organizada pelo Estado nas escolas publicas.

A imprensa e os jornalistas, os literatos e a literatura, estão á altura da sua missão na sociedade atual. Dezempenham brilhantemente o papel indigno que lhes foi confiado pelos seus amos. Assim procedendo os luminares da literatura burgueza não fazem mais do que cumprir um sagrado dever de classe. Mas a sociedade capitalista está em franca bancarrota e não serão certamente os "profissionais do embuste", como Medeiros e Albuquerque, que esgrimindo a calunia, hão de evitar a sua capitulação perante o tribunal da justiça popular. Os seus alicerces estão sendo corroidos lentamente pelo cancro dos seus proprios metodos e costumes.

A incapacidade dirijente da burguezia a cada momento manifesta-se com mais evidencia. E' uma arvore que não tem mais seiva para dar o fruto prometido pelos seus cultivadores.

Ela não satisfaz as necessidades da maioria da humanidade e, portanto, a essa maioria sacrificada em holocausto á mitolojia cabe o direito de lutar pelo seu desmoronamento imediato afim de sobre os seus escombros construir os sólidos alicerces de uma sociedade mais justa e mais equitativa que vivifique com o halito do bem estar a todos os seus membros, a humanidade em geral.

E não será certamente o furor da critica do proletariado militante contra a sociedade capitalista o maior fator do seu desmembramento geral.

Aqueles que, como Medeiros e Albuquerque, julgam poder prolongar a sua combalida ezistencia com os seus conselhos jornalisticos e sportivos dirijidos a operarios famintos e escarnecidos, são os que precipitam a sua derrocada final.

No dizer desse publicista, são os "ajitadores profissionais" que estão promovendo essa propaganda "atipatriotica", patrocinada pela Federação Operaria, tendo em vista iludir o proletariado afim de leval-o a uma revolução ingloria.

Ajitadores profissionais !

Mas que pretende dizer-nos com a velharia desse chavão com que se procura sempre inquinar aqueles que em todos os tempos têm a altivez preciza para proclamarem a verdade ?

Não estará prejulgando quando nos dispensa o titulo de ajitadores profissionais ?

Ignoravamos que rezervar uma ou duas horas do nosso descanso para exteriorizar as nossas aspirações e criticar atos deshonestos praticados pelos governantes era ser ajitador profissional...

Foi necessario que um luminar da literatura viesse de espirito prevenido e com requintada má fé, pelas colunas da "Noite", para perversamente apostrofar a nossa dignidade de trabalhadores honrados com o epiteto de ajitadores profissionais.

Não seria mais digno que o Sr. Medeiros e Albuquerque procurasse conhecer os trabalhadores que estão promovendo essa ajitação para convencer-se de que eram rudes trabalhadores de mãos caleiadas, que acossados pelo mal estar economico, são o reflexo do descontentamento geral do proletariado ? Certamente que seria mais lojico e mais honesto esse gesto do que combater moinhos de vento, caluniar a honrados trabalhadores que pelo simples fato de sentirem angustias economicas e protestarem dezassombradamente contra as suas condições de vida na sociedade capitalista, sem serem conhecidos pelo Sr. Medeiros, mereceram, no entanto, a pecha de ajitadores profissionais.

Isso seria evidentemente um ato louvabilissimo, de justiça, até, mas si o notavel jornalista procedesse tão criteriozamente "violaria um dos artigos de fé" do seu meio social : a calunia.

Já temos demaziadamente comentado a parte do artigo em questão, parte essa que mais atinje a dignidade do proletariado militante.

Vamos agora entrar em considerações de ordem economica a proposito dos meios que nos aconselha para a solução pratica da prezente situação de mizeria que nos esmaga.

Segundo a expressão de Medeiros e Albuquerque, é tão inutil protestar contra a carestia da vida, como contra um fenomeno natural, o calor, a chuva.

A leitura de tão doutoral afirmativa dá-nos a entender que Medeiros pretende fazer-nos aceitar a nossa condição de párias como um fatalismo.

Quer dizer : as leis economicas que rejem os destinos da sociedade, são tão naturais quanto as leis fizicas que rejem o universo !

Parece incrivel que uma intelijencia tão clara não possa ter um conceito menos vulgar dos problemas economicos sob o ponto de vista sociolojico. Pretender identificar os conflitos economicos produzidos na sociedade, orijinados no principio de dezigualdade em que está bazeada a sociedade, com as leis imutaveis da natureza, é um absurdo tão estapafurdio como pretender rezolver o problema economico, que ajita o proletariado, com o rompimento de relações com a Allemanha ou com a adoção de uma pilherica "black-list" organizada pelos trabalhadores contra os negociantes deshonestos...

Si por ventura a nossa condição de mizeraveis na sociedade fosse o cumprimento de uma lei natural, quem teria o arrojo de revoltar-se contra ela ?

Quem se revolta materialmente contra a chuva ou o calor ?

Não é por "profissão" nem por ter a tola pretenção de ezibir os nossos problematicos dotes de oratoria que nos abalançamos a promover comicios de protesto contra a insuportavel situação de fome que invade os lares proletarios, levando nas dobras dos seus tormentos a sua irremessivel condenação á morte, é, sim, impelidos pelo natural instinto de conservação que vamos á praça publica reclamar o cumprimento de uma lei natural que os defensores da sociedade capitalista nos pretendem negar.

Os desherdados quando se lançam na luta, nos momentos de grandes transformações sociais, fazem-no exclusivamente com o fim altamente humano de ezijir o cumprimento de uma lei natural, e ao qual a burguezia opõe dezesperados obstaculos.

E', por ventura, natural que os trabalhadores, que tudo produzem com o poder creador dos seus braços, sofram fome, emquanto os parazitas sociais, que nada produzem, estão cercados de todo o conforto na vida ?

Por ventura a natureza, nossa mãi comum, será tão má, tão perversa, que premeditadamente dê a vida a um sêr com o propozito de fazel-o sucumbir pela fome ?

As leis naturais não limitaram nem limitam o numero [illegible] habitantes do mundo. Nós não solicitamos o nosso surto á luz da vida.

As leis naturais nos trousseram, elas nos dão a vida e a morte, e quando trabalhando nos neguem o direito á vida outros homens, devemos passar sobre os seus cadaveres e proclamar o direito dos párias, os eternos escravos, que vêm regando com o seu suor o despertar da sociedade futura, a anarquia.

O paralelo estabelecido pelo ilustre literato, a proposito dos conflitos economicos, é uma burla que bem pouco abona os seus creditos inteletuais.

Medeiros e Albuquerque aprezentando a mizeria e as privações em que está submerjido o proletariado, como lei natural, prova evidentemente que ignora completamente a questão social e consequentemente deveria abster-se de manifestar-se sobre o assunto.

Medeiros e Albuquerque, aconselhando aos operarios no seu celebre artigo sob a epigrafe : "Com os operarios", publicado na "Noite", diz pitorescamente :

"Si, porém, os operarios querem sempre pedir ao governo alguma coiza, peçam-lhe que sáia da sua germanófila neutralidade".

Mas, por ventura a québra de relações que ele aconselha para com a Alemanha rezolve o problema social ?

Em que poderia melhorar a premente situação do proletariado, uma guerra ou uma simples québra de relações com a Alemanha ?

Dar-se-á que o problema economico que os trabalhadores estão chamados a rezolver, pela ciencia sociolojica, seja um cazo novo ?

Já antes da guerra ele ezistia, e continuará a ezistir depois dela, si os trabalhadores não refletirem um momento sobre a tremenda catastrofe que os espera depois de restabelecida a "paz" pelos governos belijerantes.

O povo produtor nada tem a esperar dos que do alto pedestal da governança olham com desprezo as multidões famintas, e lhes respondem a bala quando dos seus peitos escarnecidos parte um grito inflamado de revolta, protestando contra a mizeria a que os tem condenado os salteadores de Estado.

Não ha de ser no recinto dos palacios do Estado que se rezolverão os problemas economicos; ha de ser o proletariado conciente, de fronte altiva e peito descoberto, nas praças publicas, que proclamando o direito á vida na sociedade humana, fará taboa raza de todos os privilejios da burguezia e calcando aos pés os preconceitos sociais pronunciará o grito de "terra livre !" que redimirá para sempre a humanidade.

O proletariado, produtor de todas as riquezas sociais, nada tem que pedir, não deve mesmo aceitar o direito á vida como um favor. Ele deve ezigir que os governantes façam reparos emquando não lhe seja possivel eliminal-o.

Mas, Medeiros e Albuquerque, foi de uma infelicidade inaudita nos meios praticos" aprezentados aos trabalhadores, afim de rezolver o problama da fome que tortura as classes trabalhadoras.

Ele diz que não é com discursos, por muito violentos que sejam, que se rezolve "praticamente" as grandes questões. Aceitemos de passajem, para discutirmos, o juizo que o ilustre jornalista fórma dos "meetings" populares, embora a historia nos ensine que a tomada da bastilha foi o culminamento de uma série de discursos violentos, inflamados, com os quais se causticavam as tiranias da época, provocando na massa popular a reflexão sobre as suas degradantes condições de mizeria.

Diz-nos o conselheiro do proletariado que devemos organizar um "black-list" de defeza contra os abuzos dos negociantes deshonestos.

Isso, segundo o atilado escritor, é alguma coiza de pratico para o efeito de atenuarmos os nossos sofrimentos.

Feliz seria a humanidade si tivesse alcançado um gráu de dezenvolvimento mental, capaz de compreender o sentimento de solidariedade.

Si, por ventura, o proletariado tivesse a intelijencia dezenvolvida á altura de poder conhecer a sua força esmagadora, deixar-se-ia arrastar á atual situação ?

O proletariado não teria necessidade de efetuar comicios, nem de organizar "black-list" si tivesse comprendido a sua força incomparavel e a soubesse manifestal-a pelo sentimento de solidariedade.

Si assim fôra, seria por ventura, escravo de outrem ?

Deixaria arrebatar o produto do seu trabalho por um "segundo" que o armazena para de posse dele especular com a sua fome ?

Seria soldado, carcereiro, policia ou verdugo ?

Estamos certos que não.

E esperamos que o dia que chegue a compreender claramente o sentimento de solidariedade humana, dicidirá imediatamente a sua sorte na praça publica, procurando uma sociedade mais justa, mais humana e mais equitativa, que tenha como diviza a liberdade, a justiça e a fraternidade universais.

E depois qual será o lugar dos Medeiros e Albuquerque e sua casta ?

R. Rodrigues Martins.

O CENTRO COSMOPOLITA

PROBLEMAS ASSOCIATIVOS

Ao certo não conhecemos quais os verdadeiros sentimentos que impeliram aquele pujilo de companheiros que no afastado ano de 1903, lançaram as bazes de uma associação de classe dos trabalhadores em hoteis, restaurants, cafés e classes anexas, a que deram o nome de Centro Cosmopolita, cujo significado encerra uma idéa nobre e alevantada de fraternidade humana. Não sabemos si eram eles animados dum alto espirito de reivindicação social; desconhecemos si aqueles proletarios, tendo uma clara percepção da sua qualidade de salariados, de desherdados, dispunham-se efetivamente á defeza dos interesses economicos e morais da classe.

Entretanto, dados os rezultados da obra, é de supor que bastante lonje estavam de possuir as mais superficiais noções da questão social, que já muitos anos antes daquela época ajitava as classes trabalhadoras da America e da Europa.

Efetivamente, podemos afirmar sem sombra de pessimismo ou de setarismo, que a organização que aí vejeta, absorvida por mil e uma preocupações extranhas aos verdadeiros interesses da classe, *servindo de tablado inadequado* ás ezibições das vaidades de uns tantos inconcientes, muito lonje está de poder consultar os interesses de uma classe trabalhadora afundada na mais degradante mizeria, devido ezatamente á falta de uma organização eficiente e bem orientada.

Lenta, cheia de peripecias dolorozas e imprevistos contrastes tem sido a marcha evolutiva, ou melhor, involutiva, do Centro Cosmopolita.

Moldado pelo antigo modelo de associação de "bazes multiplas", isto é, prometendo tudo, tudo inscrevendo no seu vasto programa: a rezistencia, a beneficencia, o cooperativismo, a colocação, para afinal reduzir-se na pratica ao mais esteril, sinão perniciozo agrupamento de individuos atraidos pelo chamariz dos imediatismos interesseiros; massa amorfa, sem vontade, sem conciencia propria, constituindo por vezes sério entrave á defeza da coletividade, ele que, por irrizão, se propõe á defeza dessa coletividade.

Si lançarmos um olhar retrospectivo para esses 14 anos de ezistencia do Centro Cosmopolita, havemos de reconhecer (si não estivermos com o senso critico obliterado pelo partidarismo) que a sua ação tem sido, póde-se dizer, de rezultados bem nefastos para a classe, e que muito pouco têm influido, os que nele militam, ou têm militado, na obra de educação da parcela do proletariado nele agremiado, na propaganda dos principios emancipadores da classe trabalhadora de cujos interesses o Centro Cosmopolita se diz leiitimo reprezentante e em cujo seio, infelizmente, o atrazo mental contribuí como um formidavel bloco para a sua eternização ao jugo capitalista.

A sua ezistencia tem-se caraterizado pelo mais criminozo indiferentismo por tudo quanto possa dizer respeito aos interesses vitais da classe; e si alguma vez esse indiferentismo tem sido quebrado por alguma rara eceção, isso tem sido graças á ação audacioza de uma minoria tenaz, que sem temor de provocar as iras da inconciencia imperante, expondo-se aos mais duros e desleais golpes dos que empolgaram a vida da associação, mais para satisfação das suas ambições pessoais do que para leval-a á rezistencia á exploracão capitalista, tem-se batido para conduzir o Centro Cosmopolita ao campo gloriozo das reivindicações proletarias.

Essa minoria, reduzida pelo numero, mas potente pelas armas da razão e da critica racional, manejadas com a sinceridade que lhe dá a ezáta compreensão dos deveres que lhe impõe a luta estabelecida entre o capital e o trabalho, tem conseguido em dadas ocaziões, que circunstancias especiais o permitem, levar a associação á primeira linha da luta social. Mas, tão depressa afrouxa ela a sua atuação quanto o Centro, empolgado pelos elementos retrógados, é reconduzido ao estado de inercia permanente.

Tudo concorre para que as melhores vontades, as mais rezistentes atividades dezistam dos seus propositos, ao verem que os seus esforços se esterilizam deante da barreira de uma organização autoritaria, repleta de formalismos que constituem os mais sérios estorvos aos que querem sinceramente trabalhar para a emancipação integral da coletividade. De fato, a começar pelos seus estatutos, que deveriam ser um simples pacto social rezumido, bazes de acordo para o bom entendimento da ação coletiva, (mas que, no entanto, é um codigo politico complicado) e a terminar na colossal administração, verdadeiro "estado-maior", tudo ali constitui um estorvo, uma camiza de força para manietar os membros dos que querem ajir em bem dos interesses superiores da classe.

Para completar o quadro, ha cerca de 5 anos, a megalomania das ezibições grandiozas, de um lado, e os manejos arranjistas de outro, arrastaram o Centro á aventura, para sempre malfadada, da construcção de um semi-palacio com o qual procuram iludir a mizeria de uma classe vilipendiada com a mirajem deslumbrante da inscrição do nome *gloriozo do nosso querido Centro* nos rejistros de propriedade do Estado, magnifica preza com que se acena á gula da classe capitalista nos futuros encontros que porventura tenhamos com os nossos exploradores...

De sorte que, si somos vilmente explorados pelos patrões, si trabalhamos um numero ecessivo de horas, e em logares infétos, sem ar, sem luz, si vencemos salarios irrizorios, e si os nossos brios de homens sofrem os mais dolorozos vexames, em compensação podemos gritar, alto e bom som, que *já somos proprietarios!*

Que importa a esses inconcientes que empolgaram a vida associativa, que essa tola e criminoza aventura tenha custado ao Centro muitos anos de inação, e que os compromissos dela decorrentes tenham servido para absorver tantas enerjias malbaratadas num esforço de alcances não só nulos como até prejudiciais aos interesses economicos e morais dos trabalhadores em hoteis e restaurants, si eles para o futuro poderão jactarem-se de terem *dado* um palacio ao Centro, e ambicionam, como justo pleito aos seus "relevantes serviços á classe", verem as suas respeitaveis efijies perpetuadas pelo pincel do artista e pendentes das paredes da séde social para admiração da posteridade agradecida aos seus grandes feitos...

Estas modestas considerações vão á guiza de introito a uma série de artiguetes que pretendemos publicar nas colunas de "O Cosmopolita", contando com a boa vontade do seu Grupo Editor, nos quais dezenvolveremos uma critica imparcial aos defeitos de organização do Centro, sem alvejar personalidades e procurando suprir a nossa carencia intelectual com o conhecimento pratico que possuimos do ambiente associativo.

JOÃO ANTUNES.

O enigma de um segredo

Conheço perfeitamente que é um tanto delicada a teze que me proponho dezenvolver no prezente artigo, pelo fato de conhecer bastante a falta de compreensão da maioria dos companheiros que mourejam numa determinada fração da nossa classe, a qual vai ser o alvo da minha critica, sem que pretenda com isso ridicularizal-a pondo-a num plano de inferioridade moral a outras frações que constituem a nossa coletividade.

Dificil será esteriorizar o meu modo de pensar sobre o assunto que pretendo esclarecer, sem ferir a sucetibilidade de muitos companheiros que inconcientemente irão julgar-se atinjidos pela minha critica racional endereçada a "cauzas" que determinam "efeitos" de graves consequencias para aqueles que não querem precindir dos seus brios de homens para ser caixeiros de "cazas de petisqueiras", e não a esta ou áquela individualidade que mais se destaque na pratica dos atos inconvenientes que vou relatar e apontar como cauzas determinantes da dezorganização do serviço na maioria das cazas aludidas.

A falta de valor na maioria dos individuos para dizer o que sentem, temendo sempre ferir alguem, é um dos maiores fatores do periodo estacionario em que nos encontramos.

Rompamos pois as correntes do tradicionalismo absurdo, que nos prendem aos nossos antepassados, com a voz clara da nossa conciencia livre dos preconceitos erroneos que tanto prejudicam o dezenvolvimnto da humanidadee.

Eu, pelo simples fato de saber antecipadamente que vou ferir alguem (sem pretender), com a publicação do prezente artigo, não posso absolutamente fazer-me cumplice, com o meu silencio, de costumes que a minha conciencia reprova, costumes esses que têm as suas orijens nos semi-selvajens tempos coloniais.

Alguns deles devem ser abolidos, primei-

ro: porque não são mais proprios para o seculo atual; segundo: porque são anti-esteticos, e terceiro: porque coloca o caixeiro numa critica pozição perante o freguez e o patrão.

São costumes perniciozos que constituem a cauza do mal, do qual surjem os terriveis efeitos, que são os atos praticados pelo caixeiro no dezempenho das suas funções.

E' portanto a uma cauza que eu vou atacar e não a individuos.

Si eu escolhi justamente uma determinada fração da nossa classe, ou seja as "cazas de petisqueiras", é porque nelas, no seu seio, ezistem fatores que detrminam abuzos na regulamentação tecnica do serviço, e o comportamento moral dos caixeiros, e não obedecendo a qualquer principio de opozição sistematica contra essas cazas, ou contra os companheiros que nelas trabalham.

Nada influem no meu espirito critico. essas rivalidades ignorantes de superioridade social dos indivduos que trabalham, "por acazo", nas cazas de primeira, quando se fala da competencia profissional dos que se empregam tambem "por acazo" nas cazas de segunda.

Isso para mim são mesquinharias proprias dos debeis, dos fracos em raciocinio até aos quais não tenho alma para decer, porque os julgo muito lonje de mim.

O meu ardente dezejo é fazer compreender a todos os companheiros que não é uma opozição sistematica o que eu pretendo fazer na minha critica e sim uma apreciação profunda acerca de um ocultissimo segredo profissional ezistente na convicção da maioria dos caixeiros de "petisqueiras".

E' pois, firmado nos principios bazicos da razão e da justiça que eu pretendo apontar os enigmas de um segredo importante de que eu ha muito tempo me venho preocupando em desvendal-o sem que até hoje me fosse possivel conseguil-o.

Hoje, porém, posso vangloriar-me de haver realizado o meu intento. Estou de posse do segredo com todos os seus enigmas, e não temento as suspeitas infundadas que possam cair sobre mim, nem tampouco, alguma controversia que porventura sucite no "O Cosmopolita", vou narral-o com os seus pormenores.

De ha muito que sentia o dezejo de falar bem claro sobre este assunto, mas como me faltassem dados importantes, que julgava indispensaveis, me retrai. No entanto, conhecendo hoje praticamente os metodos praticos nessas cazas, sinto-me com forças para falar a meu criterio sobre o assunto, e, calcando preconceitos erroneos, falarei a verdade, de acordo com a minha conciencia liberta do sentimentalismo "classista".

Ha já algum tempo que eu venho notando uma certa rivalidade (aliás justificada, sobre um ponto de vista), entre caixeiros de "cazas de petisqueiras" e de restaurants, sem que, superficialmente siquer, lhe dedicasse a importancia que hoje, depois de estar praticamente ao par da questão, lhe dedico.

Sempre que se encontram reunidos no Centro Cosmopolita, alguns companheiros, caixeiros de restaurants, surje á tona da discussão dos assuntos profissionais a eterna questão dessas rivalidades. Rivalidades essas que não ezistiriam si a nossa classe tivesse conseguido erguer a sua fronte e elevar-se á estatura moral de homens, ao em vez de decer ao ultimo gráu de humildes criados na sociedade.

Inesperadamente pelos botequins surjem tambem essas discussões estereis, onde se esgotam enerjias que podiam ser aproveitadas em assuntos de mais importancia para a classe.

Por sua vez os caixeiros de "cazas de petisqueiras", confiando nos *ótimos* rezultados do seu importante segredo, tambem discutem os comentarios dos seus camaradas; notando-se que eles o fazem com um certo orgulho, que absolutamente não deviam ter desde o momento que eles aceitam as diversas categorias profissionais.

São varias as vezes que eu tenho tido a oportunidade de improvizadamente assistir a certas palestras verdadeiramente interessantes, sujeridas em volta da arte de bem servir a clientela, em pequenos nucleos de caixeiros de "petisqueiras".

De dia para dia fui adquirindo novas e valiozas impressões no seio de uns e outros camaradas, como o passaro que vai de galho em galho, subindo ao cume de uma grande arvore, até que cheguei á concluzão de compreendel-os. Os caixeiros de restaurant, que levados pela falta de trabalho neste vêm-se na emerjencia de procurar trabalho nas "petisqueiras" lutam com uma medonha dificuldade.

Os proprietarios de "petisqueiras", quando algum empregado se acerca deles para pedir-lhe trabalho, vão logo perguntando quais as cazas onde tem trabalhado.

O caixeiro de restaurant, naturalmente julgando que é para medir a sua competencia profissional, começa citando as cazas de primeira, em que já trabalhou, a titulo de recomendação da sua competencia, quando o anti-estetico patrão diz-lhe:

— Você não me serve, qual é a sua roda de freguezes? Eu precizo de caixeiros que me encham a caza de freguezes.

O caixeiro dezempregado, diante da absurda pergunta do inconciente patrão, encolhe os hombros, e, com um olhar dezolado, lastimando o pobre negociante, diz:

— Olhe, meu caro amigo, si eu me quero empregar na sua caza é pelo fato de eu não ter "freguezes", e com a intenção de ganhar o pão servindo os seus e os da sua caza. Não estou acostumado quando entro para uma caza aprezentar ao meu patrão como atestado de boa reputação e de competencia profissional, a minha "roda". Sou um simples aprendiz de "mecanica", e portanto ainda não me foi possivel descobrir o meio de congregar a celebre roda. Ainda não conheço o segredo da mecanica culinaria que vos serve de baze de negocio para serdes felizes.

Continuará.

O. R. M.

Razão de Estado e Razão Publica

O problema economico social não é mais um fato que se possa esconder nos povos modernos.

A habilidade com que o Estado, por intermedio da Relijião e do Capital, tem sabido iludir a fé publica, descobre-se dia a dia ezaminando os efeitos produzidos pela antiteze Razão de Estado e Razão Publica.

Ora, salta aos olhos que os interesses das duas entidades aqui descritas são diametralmente opostos, senão vejamos:

Ha uma Questão Social a rezolver. apezar das negativas por parte do Capital, cuja questão é justamente economico-social, a saber

Trabalho, fim do ano — lucros? 0
Capital, fim do ano — lucros? . . . . 20 ou 30

Note-se que o Capital não póde considerar lucro o que gasta nas suas necessidades e luxo, mas unicamente o que sobra depois de satisfeito nos seus apetites. O Estado ao serviço do Capital capricha em esplorar o Trabalho em razão da necessidade do seu bem estar.

A Razão Publica portanto, que é a razão do Povo que trabalha e sofre, não póde estar de acordo com a Razão de Estado, cauza do sofrimento comum.

Estudando o sentimento dos povos modernos na baze da verdade não se ouvirá uma voz sincera que diga: estamos bem, secundando o Capital e o Estado ou Governo.

A razão do mal publico não é razão natural ou da vontade divina como se quer fazer crêr á injenuidade do povo; é sim uma dezigualdade economica criminoza creada pela ambição insaciavel dos dirijentes do Capital, do Estado e da Relijião.

Os diversos matizes dessas castas privilejiadas permitem haver diverjencias entre elas que produzem mais ou menos reformas com o nome pompozo de beneficio publico que de fato não são mais que paliativos para retardar o despertar da conciencia popular.

As razões que se opõem para haver harmonia entre Capital e Trabalho são de um valor tão evidente que estão acima de toda e qualquer suspeita de mistificação.

Não póde ezistir egualdade quando ha estomagos vazios e outros a transbordar; a coletividade humana não é um organismo heterojeneo nas necessidades vitais, mas sim homojeneo e bem distinto de todas as especies que a natureza expõe, logo, em questão economica a Razão de Estado não é a Razão Publica, mas sim a supressão da dita. Si considerarmos de boa fé o problema da questão Social vemos logo que estamos em face de uma iniquidade tanto mais condenavel quanto melhor a conhecemos.

A circunstancia que produz tal estado anomalo na sociedade encontra-se sempre no movel Razão de Estado em detrimento da Razão Publica.

Si vamos buscar ainda a razão da "Patria", descobre-se que a propria "Patria" é quazi sempre a vitima explorada em beneficio dos dirijentes e do Capital, embora estranjeiro.

A massa ignorante é suceptivel de ser iludida com palavras e promessas que nunca se realizarão, acredita no super-homem capaz de remover dificuldades com um gesto; mas na realidade não ha mais que o homem, mais ou menos intelijente, mais ou menos bom ou ruim.

A iniciativa do bem estar social não póde ser obra do milagre mas sim do povo conciente do que quer, e orientado no respeito á Liberdade ao trabalho uma vez possuidor da Luz que o ha de guiar a conhecer a sua Soberania intanjivel.

A continuação rotinaria do statu-quo, é um erro propozital que convem perfeitamente á burguezia insaciavel.

A humanidade tem um fim a atinjir que se esclarece cada vez mais e este fim é a emancipação dos Povos do dominio do Capital apoiado pela Razão de Estado.

A Razão Publica afinal terá o seu triunfo.

A. P.

O Proletariado Militante

A federação operaria e a ajitação contra a carestia da vida

O MOMENTO EZIJE UMA ATITUDE VIRIL DO POVO TRABALHPDOR

Neste momento de supremas angustias e dezesperos, nesta hora premente que atravessam as classes trabalhadoras do paiz, a braços com a mais terrivel das crizes que rejistra a historia da sua tetrica desventura, agravada pela rapacidade dos corvos do capitalismo e da governança, que sob os mais variados pretestos vão arrancando da boca do proletariado faminto a sua irrizoria ração, não podia o proletariado militante deixar de romper com a covardia ambiente que carateriza o atual periodo historico e, num veemente brado de protesto na praça publica contra o máu estar prezente, afirmar com virilidade e dezassombro o seu direito á ezistencia.

Assim, a Federação Operaria, reassumindo o papel principuo que lhe cabe na luta sem treguas entre as classes trabalhadoras e os sus contumazes exploradores, de centro propulsor das enerjias revolucionarias da massa popular, apresta-se para em futuras pugnas enfrentar os bandidos da governança e do capitalismo uzurpador.

Após alguns comicios preliminares na sua séde social, promoveu a Federação Operaria no passado domingo, 27 de Janeiro, quatro grandes comicios, nos seguintes bairros de densa população proletaria: Gavea, Villa Izabel, Enjenho de Dentro e Madureira, tendo sido todos extraordinariamente concorridos e realizando-se em meio do maior entuziasmo do povo, que a eles acorreu sequiozo de ouvir a palavra veemente dos oradores que se fizeram ouvir, fustigando o atual estado de coizas.

Outros comicios já estão projetados, preparatorios do comicio monstro que se prepara, no qual, espera-se, culminarão as manifestações populares contra a premente e dezesperadora situação que atravessamos, fazendo estuar num movimento de deciziva enerjia toda a revolta que vai na alma popular contra um rejimen que a condena á fome.

Publicamos abaixo o vibrante manifesto que a propozito da recente ajitação contra o aumento de impostos, lançaram o Centro Libertario e o Grupo Editor da "Guerra Sociale", de São Paulo. E' uma bela pajina de critica aos acontecimentos atuais que merece ser meditada.

A situação é das mais precarias, o momento dos mais dificeis; e para todos.

Entre as classes altas como entre os humildes, ha incerteza e medo do amanhã.

Não ha quem não conheça que se vai aprossimando a hora duma conflagração interna, a qual deverá produzir o inicio de uma nova éra politica e economica, seja qual fôr, para o Brazil. Dizemos para o Brazil; mas o fenomeno nacional é ligado a cauzas gerais, de ordem internacional, complexas e diversas.

Essa conflagração, interna, produzir-se-á amanhã em todas as nações — e veremos entre elas as que hoje se arruinam em uma guerra vã, estupida e horrivel, associarem-se na defeza do Estado e do Capital contra o inimigo de caza — mas aqui a consequencia trajica é acelerada por determinantes locais. E' possivel adiar essa conflagração, evital-a não.

A fatalidade historica é uma espressão de retorica: a realidade, o fato social, eziste nas determinantes politicas e economicas do rejimen.

Na vida dos povos, como na dos individuos, ha horas de crize profunda, e superal-as é viver.

O Brazil foi um organismo rico e sadio: a natureza assim o quiz: esgotaram-n'o.

Mas póde salvar-se ainda. Não ha povo cuja salvação seja impossivel.

— Mas, como poderá salvar-se?

— Reajindo.

— Contra quem?

— Contra quem lhe sugou o sangue, a linfa vital: ezijindo contas a quem fez desperdicio das suas riquezas.

Nós não nos dirijimos ao governo, nem tampouco á "honrada" classe dos comerciantes e dos industriais.

Indijena ou de orijens diversas ha aqui um povo. Povo que trabalha, que se estiola e passa á mingua e que amanhã, si não hoje, terá que enfrentar-se com a mizeria mais negra; com a fome.

E' a ele que nós nos dirijimos; tanto mais que ele é o maior culpado da propria desgraça. Esqueceu-se. Deixou-se oprimir e espoliar sem um protesto, na sua fé cega no prestijio da Autoridade, na sua servidão abjeta para os Donos.

Dirijimo-nos ao Povo, não para lhe aconselhar movimentos inconsultos, mas para que se acautele e se prepare.

O povo é injenuo. No seu sofrimento, nunca cançado de ilusões, deixa-se arrastar com facilidade por uma mirajem qualquer que lhe prometa um alivio.

Hoje a "honrada" classe dos comerciantes, que o governo quiz colocar como intermediaria na estrema espoliação que cojitou com o fim — diz ele — de angariar o suficiente para fazer face aos compromissos fabulozos, com credores que não podem esperar, compromissos cuja liquidação é para breve, a "honrada" classe dos comerciantes recuza-se a isso; achando a carga pezada, e perigozo o papel de beleguim ao qual o governo quer obrigal-a. E talvez mesmo, os comerciantes, achem ezajerada a atrocidade fiscal do governo, com medo que lhes limite os lucros de costume, lucros que aumentam com o aumentar da carestia da vida, a qual se diz, e em parte é, consequencia da guerra. Mas só para o povo. A "honrada" classe dos comerciantes e dos industriais, nunca, como agora, se locupletou de propinas inverozimeis.

Industriais que em vesperas da guerra estavam prossimos á falencia, hoje estão acumulando milhões.

Diz-se que ha falta de trabalho: porém ha muitas fabricas onde se trabalha dia e noite. Com a desculpa da guerra, os "honrados" industriais persuadiram o proletariado a trabalhar mais e ganhar menos.

E no emtanto os "honrados" esportadores açambarcam os generos de primeira necessidade, para envial-os ao estranjeiro, e provocar com a escassez no mercado, a especulação da alta.

Como se vê, o povo está sendo ludibriado de maneira descarada. E como si isso não bastasse, deixa-se espaldeirar pela força policial, protestando em favor dos comerciantes, desses uzurarios que, colocando-se entre o produtor e consumidor reclamam para si o maior quinhão.

O povo está defendendo ladrões contra ladrões. Ladrões que hoje brigam entre si, mas que amanhã estarão de acordo contra ele. Não tem declarado a nobre classe dos comerciantes que em qualquer emerjencia, satisfeitos seus pedidos, encontrar-se-á como sempre, ao lado do governo, isto é, da espoliação legalizada?

Dizem que é precizo salvar a patria. Patavinas. O que querem é salvar a propria situação. Si o patriotismo é uma realidade, si ha verdadeiro dezejo de salvar compromissos de honra, recuzem os senadores e deputados os ricos subsidios dos quais não precizam, recuzem os satrapas do pòder os "salarios" principescos que ezijem e áqueles que distribuem dividendos a todos membros das proprias familias; recuzem os que vivem no fausto, no luxo, os que atiram dinheiro na devassidão e no jogo, dinheiro que é suor do povo; recuzem o superfluo e sobre o altar dessa patria que dizem amar tão sinceramente, ofereçam-lhe em holocausto tudo quanto roubaram.

O ouro das dividas que amanhã deverão ser pagas, que fim levou?

Quem se fez rico hipotecando o paiz? Ou foi, por ventura, o povo?

Não, o povo continúa esfarrapado, trabalhando hoje como hontem.

Belo patriotismo o apregoado pelos organs do governo!

Que o povo salve a patria renunciando a sua ração de pão! E eles?

Como é interessante tudo isso. Os governos contraem dividas? O povo que as pague! Os governos declaram guerras? O povo que morra!

E quando fôr precizo, que se forneçam tambem ao governo soldados e policias para que espingardeiem o povo no dia em que achar que tudo isso vai mal.

* * *

Compreendemos que com palavras não se rezolvem situações e a do Brazil é das mais assustadoras.

As criticas, por mais ponderadas e razoaveis que sejam, são estereis si nada aconselham que seja viavel e possivel.

Pois bem, nós aconselhamos ao povo varias couzas possiveis, nós que somos qualificados de loucos e dezordeiros, para que o povo se salve a si mesmo e ao paiz; ao paiz que não deve ser "fazenda" de caloteiros e de ladrões; ao paiz, que não póde continuar a ser "fazenda" de algumas familias e de grupos de politiqueiros prontos a arrematal-a em praça publica.

E entre os conselhos que damos ao povo, o primeiro é este: **não se deixe arrastar por politiqueiros, que o mandarão á chacina, para que eles possam substituir no poder os atuais dominadores.**

Recuze-se o povo a servir de capanga da honrada classe dos comerciantes e industriais.

Aparentemente os interesses parecem ser os mesmos, mas não é assim. Os interesses de quem trabalha não podem ser confundidos com os de quem vive especulando sobre o produto do trabalho alheio.

E' para solver compromissos de honra, isto é, para pagar dividas que os deshonestos contrairam — não afirmam os organs do poder que os administradores passados foram deshonestos e incapazes tanto quanto... os atuais? — dividas que não se pagam improvizando a farça do alistamento militar e que não serão pagas, mesmo si o povo se adaptar á carga desmedida dos novos impostos, pois as despezas improdutivas, as sinecuras, os desfalques, as concessões escandalozas, as roubalheiras legalizadas e demais belezas do rejmen, estão em progressivo aumento, e o "patriotismo" dos dominantes começa e acaba com o proprio e particular interesse... para pagar essas dividas, dizemos, encontre o povo o meio e imponha-o.

Segundo o nosso parecer esse meio é a **Restituição.**

Quem roubou que restitua, e não sómente aos de fóra, mas tambem aos de caza. Todos os que enriqueceram, emquanto a nação arcava sempre com maiores dificuldades, que restituam, que sejam obrigados a restituir, tudo — e foi a maior parte — o que passou para as suas mãos, para as dos parentes e para as dos amigos.

E' a concluzão logica. E fóra disso, para o povo não ha salvação. Ou deixar-se estrangular, ou livrar a patria do parazitismo, conquistando-a para o trabalho e para o trabalhador.

Mas si o povo entender que poderá conseguir alivio para os seus sofrimentos lutando para "salvar o comercio" ou pegando na carabina em favor dos que contendem o poder e as caixas do erario publico, só conseguirá peiorar a sua condição de escravo. Voltará do conflito mutilado e mais pobre do que antes.

Acautele-se tambem o povo contra um provavel incitamento á revolta politica, organizada pelo governo central.

A mesma "chantage" que o comercio quer praticar com os governos e com as Camaras Municipaes, talvez o governo da União queira praticar com os seus credores.

E' possivel "e ha fatos" que podem lejitimar esta suspeita, que o governo proprio seja o provocador de uma revolta que se prepara, para sufocal-a em sangue, para aprezentar aos credores este dilema:

Quereis conceder — dirão os governantes — uma moratoria condecendente a um governo constituido que garanta a possibilidade de liquidar seus compromissos, e salvaguardar as instituições bazeadas no principio de autoridade e de propriedade, ou preferis ter que tratar com um povo em revolta, com uma revolução que nada vos garantirá?

Esternamos brevemente o nosso pensamento sobre a situação atual.

Ao povo cabe rezolver, agora.

Reflita, porém, que num ou noutro cazo, antes ou depois, ele deverá, por si ou por outros, vir á rua, revoltar-se e bater-se pela defeza dos seus interesses ou daqueles que lhe farão crêr que são os seus.

Como hoje, no dia em que tiverem lugar acontecimentos graves, nós voltaremos a dizer que, em vista da luta ser fatal, saiba o povo **enfrental-a por conta propria,** afim de conquistar para si "a patria brazileira", este rico pedaço do mundo que póde dar pão e felicidade a quantos não odeiam o trabalho.

E neste dia estaremos a seu lado.

Ao lado dos politiqueiros e dos comerciantes é que nós, os anarquistas, nunca marcharemos.

PAJINAS ALHEIAS

SERVICIO DOMÉSTICO OFRECIDO

Esta sección, en los grandes diarios del Plata, me suele afligir más que la de policía. Hay males agudos preferibles á los crónicos, y recibir ó dar una puñalada no es á veces tan lamentable como pasarse toda una vida fregando platos. América es mucho menos dura con los sirvientes que Europa. Por aqui no abunda el tipo de la *bonne á tout faire,* la criada *para todo;* la humilde bestia de carga, que pinta Zola en su *Pot-Bouille.* Sin embargo, observad que por cada aviso de servicio pedido se insertan dos de servicio ofrecido, abonados quizá penosamente. ¿Y que me decís de la frase habitual de las agencias de colocaciones: "no se cobra comisión á los patrones"? El que paga al intermediario es — claro está — el pobre. Al rico se le ahorran gastos inútiles. Otros detalles nos confirmarían la inferioridad social del proletariado, en servidumbre doméstica. Si los salarios mejoran, el oficio es siempre muy triste...

Y ante mis ojos desfilan, por orden alfabético, los que piden pan á tantas humillaciones secretas. Primero, las amas. "Amas gallegas, vascas, piamontesas, lombardas"... "Ama primeriza... Con leche fresca"... "Con leche de dos meses, de cuatro, de seis"... "Ama robusta"... "Ama robustisima"... Rara es la que no está provista de certificado médico. Y pienso en el ganado femenino, en las ubres humanas á alquilar; pienso en la leche blanca cuya dulce onda fluye en vano. buscando al niño ausente ó dormido bajo tierra.

Y luego las mucamas, la "mucama para dentro, con cama", el "mucamo sin bigote y con frac", el "mucamo de color", la perla de la série! Un mucamo de color es patente de elegancia.

En la Quinta Avenida, la mayor parte de los "valets de piel" son japoneses, y la señora Howard Gould — una semidiosa! — exhibe á la entrada de su "boudoir" un de talla gigantesca, ataviado al modo de su país. Pero sigamos: ahora viene un capítulo lúgubre: el de las "señoras". "Señora séria se ofrece para todo trabajo"... "Señora séria se ofrece para lavandera"... "Señora formal, recién llegada, con un varoncito de 20 meses, se ofrece para mucama"... ¿No adivinais una historia de lágrimas detrás de esas tres líneas? Y termino, sonriendo, á pesar mio: "Hombre formal desea entrar en casa de sacerdote.. sabe cocinar, ayudar á misa y demás quehaceres"...

¡Exactísimo! Ayudar á misa es hoy un quehacer mecánico, y no sólo ayudar á misa, sino celebrarla. Se es sacerdote como se es cocinero. El culto ha dejado de ser religioso; los actos comunes han perdido su significado ideal, su aureola mística. Para el sirviente persuadido de que su amo simboliza á Jesus, la domesticidad era un santo ejercicio, una reproducción contínua de la escena en que la pecadora humedece con su llanto los pies del maestro y los enjuga con su cabellera. Cristo, más tarde, lava los pies de sus discípulos, porque todo lazo invisibles en el fondo una identidad, los verdaderos cristianos, en su orgullo paradógico, se sentian más libres obedeciendo que mandando, y Juan de Avila escribía á los aristócratas: "quien no entiende que tener criados es tener señores y tener á quien sufrir y por quien rogar, no sabe que es tenerlos ni imita á nuestro Señor..."

Todavia, en algunas cortes, en algunas grandes casas, en algunos solares hundidos en provincias muertas, queda la anciana nodriza, el servidor venerable, "como de la familia", el sublime Chesnel de Balzac, ultimos rastros de un mundo que se va, destellos del viejo espíritu que al desvanecer su bruma luminosa, abandona al pária moderno á la feroz realidad de la cocina oscura, pringue y humo, grasa fria, aguas sucias, cloaca de los felices, restos y sobra... Leo que alli se guisa y se adereza es sobre todo el odio.

Como el único dogma en circulación es el de la igualdad, la servidumbre se ha convertido en una ignominia. El criado se avergüenza de servir, y el amo de que le sirvan; ambos disimulan, puesto que no pueden evitarse, pero estan de acuerdo en lo cruel de sus relaciones. La ciencia nos sacará de un régimen que degrada los hogares. No concibo que no lo haya hecho aún; nuestros criados deben ser las máquinas.

¿Tan dificil es, en el estado actual de la industria, construir viviendas de cómoda oficina, donde el aire penetre por tubos en que se caliente, se enfrie ó se despoje el polvo? ¡Los progresos de la calafacción eléctrica no conseguirian suprimir el salvaje horror de los hornillos? ¿Será nuestra química impotente á limpiar con economía y rapidez los objetos de todo uso?

Si los Edison quisiesen consagrar al problema una partícula de su genio, el servicio doméstico sería casi automático, entretenimiento breve y agradable, para las señoras. Hemos aprendido á volar y continuamos haciéndonos lustrar los botines por manos de niños!

Supongo que los sindicatos de sirvientes precipitarán la solución. La servidumbre en su forma actual, se volverá pronto absolutamente intolerable. Nos dolerá demasiado, y será un bien, porque no hay renovamiento sin dolor. Nos empieza á doler com exceso la supremacia de la riqueza. Lis ricos dominan más que nunca, pero cada vez les estimamos menos, y el dolor que nos causa esta falla entre los valores físicos y los dolores morales no es sino la inminencia de una éra más noble. La emancipación de los que avisan en el "servicio doméstico ofrecido" será un episodio de la emancipación de nuestras almas.

RAPHAEL BARRET.

Do livro "Mirando vivir".

FALTA DE TRABALHO

Mizeravel proletario, operario das minas, da oficina, do escritorio, do armazem; assalariado a quem regateiam o escasso pão !

Tens força para trabalhar ? tens competencia ? sabes do teu oficio ? levaste anos e anos a formar-te ? a adquirir a instrução profissional ? és habil ? dezembaraçado ? intelijente ? tens saude

Nada disso te garante o pão, porque... **não ha trabalho !**

Que torturas lancinantes tu passas vendo os teus filhos famintos, tua mulher fenecendo lentamente pelas privações sofridas; e tu... sentindo o aguilhão da fome a espicaçar-te as entranhas... e no coração, o espinho agudo da cruciante dôr moral...

— Mas (gritarás tu, aflito), eu posso trabalhar, tenho saude e sei do meu oficio !

— Que importa ? **não ha trabalho...**

— Porém (retrucarás), porque morremos nós ao dezamparo, nós que não pedimos sinão trabalho ? e isto quando ha tanta gente que não come, que não tem que vestir, a quem falta onde abrigar o gelado corpo contra as intemperies e quando nós podemos fabricar essas vestes, produzir esses alimentos, levantar esses predios ? quando ha tanta gente descalça e nós sabendo fabricar esse calçado ? havendo tanta terra em baldio e nós dispondo de braços vigorozos para o árduo lavor dos campos ? Sim ! porque morremos nós á mingua de tudo, vitimas da fome e do frio, quando se inutilizam fabulozas somas de comestiveis ? tão consideraveis quantidades de produtos, de tecidos que nos abriguem, de generos que nos alimentem ? Sim ! Porque propozitadamente se queimam, se destroem por todas as fórmas, quantidades e quantidades de tudo quanto a industria, o saber humano, podem produzir quando nós, famintos, nús, sem pão, sem lar, sabendo produzir tudo quanto a vida necessita e tendo vigor nos musculos, não podemos aplicar o nosso saber e não nos é permitido comer na mesma ocazião em que tanto e tanto se esperdiça e propozitadamente se estraga ? Sim ! Porque ?

— Escuzas de estar com reflexões, mizeravel proletario, vil assalariado. Tens de morrer **de tudo carecendo**, porque assim é precizo para uma minoria poder **gozar de tudo !**

A materia prima abunda; os produtos não faltam; a ciencia no seu incessante progredir, aumenta fabulozamente os meios de produção para que nada falte ao homem e contudo... tu morres de inanição ! Que queres ? has de morrer estiolado porque a minoria deve viver na pletora da abundancia...

— Porém ! nesse cazo (regougarás tu), vamos roubar afim de podermos alimentar-nos sem que essa minoria deixe de ter sustento tambem. Trabalhe ela como nós temos trabalhado e terá assim direito á vida. Não lhe negaremos esse direito; mas ezijimol-o para nós egualmente. E pois que na atualidade somos espoliados do que custou o nosso trabalho, bom que hoje, que estamos a cair de fome, lancemos mão do que produzimos e outros estão fruindo !

— Atreve-te a isso, **desprezivel** bicho e verás todo um bando de **moralistas** e de **boas almas** tementes a Deus, cair-te em cima, esfacelar-te o corpo com suplicio do castigo e torturar-te o sentimento com o requintado martirio moral de mil preconceitos sociais, de dolozas concepções. Pois que julgas ? Pensas que basta ter o direito á posse do que produziste ?

E' indispensavel ter a conciencia da força ! Enquanto não a tiveres, é crime só o pensares em tomar uma parcela do que a tal minoria goza á tua custa, quanto mais levares á pratica um pensamento desses !

Não ! meu caro ! geme, definha-te e morre ao dezamparo.

— Ou então ! sim ! olha para ti mesmo ! repara que tens a força ! une-te aos teus pares no infortunio ! e verás como já não será crime o que fizeres ! verás como essa minoria se abastarda ! verás como todo edificio social se desmorona : uma nova moral se estabelece e a justiça campeará ovante !

Olha para ti ! olha para ti ! assalariado ! repara que tens a força ! Educa-te e uza dela !

José Carlos de Souza.

Líréas e trêtas

Varias e renhidas discussões têm ocazionado os diversos artigos bem fundamentados da colaboração de "O Cosmopolita" entre camaradas, os quais insistem em afirmar que os mesmos são plajiados, ao que eu tenazmente me opunha sempre com todos os argumentos que encontrava á mão.

Entretanto, no numero prossimo passado, eu convenci-me de que alguma razão assistia á esses leitores.

O Sr. G. Costal, por exemplo, conta-nos no seu artigo, "Pascoa", a historia de um seu conhecido que depois de correr o "mundo" não precizou "subir ao pincaro" para certificar-se de que a organização social é realmente a mesma : má em toda a parte. Ao pincaro?! Aonde ficará esse "pincaro" do mundo?

O Sr. G. Costal, estreante na literatura, quer florear mas a época é impropria. Com este calor as florestas estão atacadas de insolação...

Um amistozo conselho : limite-se á sua cultura.

..*

O nosso amigo... (como direi ?) "Narigança", não, — si ele tem nariz grande é dele e ninguem têm nada a vêr com isso — mas, como ia dizendo, o "Agarb" bateu o record no "seu" belo artigo "O Alcool e o tabaco" começa por uma erudita citação de frazes como estas : "O homem esse já não assegura á sua descendencia o cunho dos antepassados" (Eujenio Georje); e vai por ai a fóra numa avalanche de autores citados com erudição assombroza.

Em seguida dezenvolve uma interessante palestra a que ele poderia ter dado o seu justo valor com a assinatura que por direito lhe pertencia que é a do Dr. João Pedro da Costa.

E' o cazo de dizer-se que o Sr. Algarb não sabe onde tem o nariz, o que seria a mais clamoroza injustiça para quem como o Sr. Agarb, tão bem dotado foi pela anatomia.

Moxila.

A anomalía no Restaurante e Bar "Ao Franziskaner"

Como prometeramos no numero proximo passado, aqui estamos novamente esgrimindo as armas da justiça e da razão contra a anomalia reinante no estabelecimento que serve de epigrafe a este artigo, em continuação ao primeiro já publicado sobre o mesmo assunto.

Embora fosse aceita a gentil oferta do improvizado "cozinheiro" tripeiro, e ele ostentasse dezenvolver todas as suas energias acumuladas, em beneficio dos seus senhores, como bom escravo, a situação cada vez se tornava mais aflita e melindroza para os senhores proprietarios do conhecido restaurant.

O esforço sobrehumano empregado pelo "mestre cuca" sr. "Nicanora" em defeza dos interesses sagrados dos seus amos e senhores perdeu-se no abismo insondavel do nada.

Todo o altruismo esteriorizado pelo heroi portuense, no momento de critica situação em que se tinham colocado os seus donos, dessipou-se no espaço como uma bolha de sabão, sem deixar vestijios da sua passajem na vida associativa como homem digno de conviver com trabalhadores altivos que ainda mantêm intatas muitas das boas qualidades que em si concretiza essa palavra sublime que define o ser humano, HOMEM !

A traição do homemzinho, pondo os seus serviços á disposição dos srs. Mauricio, Jayme e Antonio, em nada absolutamente modificou a situação critica dos srs. proprietarios.

Eles de momento comprenderam bem a gravidade da situação, mas tinham dado a palavra num momento irrefletido de neurastenia e tornava-se necesario mantel-a intata para gloria da sua geração e prejuizo dos seus interesses economicos que seguramente os viam estremecer, e por um mero capricho consentiam o golpe terrivel de destruição que os ameaçava absorver, antes que escutar os clamores do direito e da justiça, que lhe propunham tranzijisse nas suas egoisticas pretenções de exploradores.

Vendo que a situação cada vez se tornava mais intoleravel rezolveram os "valientes Quijotes" decer do seu "alto" pedestal de patrões orgulhozos, e vir humildemente ao seio da "canalha" em procura de aussiliares capazes de lhe ganharem em pouco tempo muito dinheiro.

Procuraram, mas não encontraram um chefe á sua feição.

Todos eram grevistas e tinham ideias revolucionarias.

Eram, portanto, "perigozos" cosmopolitas.

O que fazer em tão critica situação ?

Um recurso lhe restava, eram os cozinheiros allemãis, que em parte podiam melhorar a situação.

Sem mais discussão rezolveram unanimemente os tres hoteleiros fazer dezembarcar os "boches".

Apelaram para a ultima taboa de salvação, como naufragos em perigo de vida.

A prova da falta de conhecimentos administrativos, e da pouca intelijencia posta em evidencia pelos srs. proprietarios do "Ao Franziskaner", dispensando todos os seus aussiliares da cozinha num momento de irrefletida vingança, é confirmada novamente no ato de decidirem arrancar dos porões de um navio carvoeiro o cozinheiro chefe e ajudantes que haviam de, no futuro, dirijir o serviço na cozinha do seu estabelecimento.

Mas, porventura, esses pobres e infelizes patriotas alemãis, que por motivos de força maior estavam estacionados no porto do Rio de Janero, tinham as aptidões necessarias e connecimento pratico do serviço culinario para assumir a responsabilidade de uma cozinha de restaurant?

Acostumados a fazer o celebre caldeirão de "lavadura" a bordo de um navio carvoeiro, seriam capazes de preparar um "menú" que preenchesse as ezijencias dos impertinentes gastronomos que frequentam o restaurant "Ao Franziskaner"?

Seriam eles capazes de esticar a materia prima de acordo com os lucros que os tres "Quijotes" estavam acostumados a auferir todos os anos?

Seriam capazes de manter um certo respeito, um principio de ordem necessario entre o pessoal da cazinha e o da sala ?

Estas perguntas formuladas em hipotezes pelos tres ineptos patrões, no momento em que partiram para bordo do cargueiro allemão, foram negativas na experiencia pratica.

Trousseram de bordo o chefe do rancho do carvoeiro e introduziram-no com todas as honras de estilo nos fundos da cozinha.

Depois de colocado na porta da cozinha subitamente começa o pitoresco espetaculo.

Estabelece-se a confuzão e a anomalia reina por todos os cantos da caza.

Alguns caixeiros falam russo, outros gallego e outros castelhano e vasco.

Da cozinha respondem num estropeado francez e em alemão.

Começa a inana. O suposto chefe dá inicio á preparação das suas caldeiradas á moda da Polonia, emquanto os caixeiros atrapalhados comentam a dificuldade em se comprender na hora de serviço a cozinha com a sala.

Alvarado.

Pelos Restaurantes

ALFINETADAS

"ROTISSERIE" RIO BRANCO

Um conselho util ao Sr. Hermida, socio desse estabelecimento : porque não faz com que o seu querido mano Domingos retorne ao seu antigo mistér de apascentar gado no Alto da Boa Vista, profissão que abandonou pouco tempo antes de ir ocupar o logar de "garçon" na "Rotisserie" ?

Em homenajem á verdade e á justiça, devemos declarar que o improvizado "garçon" Domingos mostrou muito maiores aptidões para o logar de guardador de vacas, do que para "garçon" de um estabelecimento de primeira ordem, como é a "Rotisserie".

Mande-o, pois, o Sr. Hermida, para Campo Belo, Congonhas do Campo, ou mesmo para o Piauí, a terra classica do meu boi morreu"...

Si, porém, o Sr. Hermida, pelo seu estremado amor fraternal, não quizer remeter o seu mano para parajens tão lonjinquas, ainda haverá um outro alvitre: remeta-o então ali para a ilha do Viana, a trabalhar na descarga do carvão.

Olha que será um duplo beneficio: para a moralidade da desditoza classe dos "garçons" e para os creditos do seu estabelecimento.

E já que estamos "com a mão na massa", não podemos deixar de lembrar-lhe a conveniencia de fazel-o acompanhar do gerente Mario, "manteiga derretida", ou então, já que o Sr. Hermida faz absoluta questão de abrigal-o sob a sua valioza proteção, consiga com o Sr. P. Segreto ou com o Sr. Djalma, um logarzinho de "croupier", em que o "menino bibelot" é catedratico... Isto é si quer evitar que a "Rotisserie" para o futuro chegue ao extremo de ter que recorrer aos "preciza-se" dos jornais para obter "garçons".

"STADT MUNCHEN"

Cauzou um certo reboliço no "Stad Munchen" o artigo saido no "Cosmopolita", fustigando as esplorações cometidas no "Stadt Munchen"; e no qual, entre outras coizas, relatava-se a fome que passava o seu pessoal, motivada pelo pouco cazo que se ligava ás suas refeições, chegando até a darlhes comida azeda.

O Sr. Mota Bastos, deu um solene dezespero com aquelas duras verdades, ameaçou céus e terras, abriu inqueritos e devassas e acabou despejando "valorozamente" toda a sua cólera sobre uma indefeza criança que ali trabalhava, despedindo-a por supôr que era o nosso informante !

Vai muito mal o Sr. Malabregas, por esse caminho de vinganças pulhas. O Sr. Bastos bem sabe que no terreno das reprezalias, nós possuimos armas bastante contundentes e que as saberemos empregar no momento precizo. E olhe que nem toda a verdade foi dita ainda.

X.

A Seára

Era por uma tarde de verão ardente, época em que a terra, de extrema fecundidade, estava na força da produção. No campo avistava-se a vastidão dos trigais, dos milharais e doutros cereais. Sem temer os rigores do sol escaldante as abelhas saiam em debandada das colmeias, abandonando os zangões, e iam-se por aquelas rejiões proliferas a absorver das corolas das rozas a essencia para o fabrico do seu mel. Os passarinhos de volta das verdes campinas, a devorar as semente das plantas, refujiavam-se do calor mortificante, rumurejando pelos verdes emaranhados a latejar de cançaço, com as pequeninas linguas sobresaidas dos bicos num respirar apressado.

Na parreira em volta da seára a produção de uvas fôra enorme naquele ano. Havia dias que uma infeção pernicioza atacara os vinhedos na localidade, e para combater essa enfermidade dissolvia-se, segundo os conselhos da quimica, sulfato de cobre com enxofre numa certa percentajem d'agua, irrigando-se com essa solução o cepo atacado da enfermidade.

Era esse o mistér que andava a fazer o laboriozo cazeiro daquelas terras, de bluza de ganda salpicada pela solução que escorria da maquina que carregava ás costas, preza por duas correias.

E lá ia ele, incançavel no seu passo lento, na ancia de melhorar a produção, olhando para traz, a cada instante, a reparar então, no trabalho já feito; satisfazia-se, mas, olhando ao mesmo tempo para a frente e vendo a distancia que ainda faltava, descoroçoava. Levantava o braço á altura da fronte e com a manga da bluza limpava o suor que escorria abundante, sacudia as vestes cobertas de mosto, e apóz um prolongado suspiro, empreendia novamente o árduo trabalho metodicamente, calmamente até concluir a tarefa de sulfatar toda a enorme parreira.

Os raios do sol eram cada vez mais faiscantes, e o cazeiro transpirava de fórma tal que o suor lhe caia em grossas bagas. Mas, satisfeito por ter finalmente vencido a penoza jornada, contemplava como um heroi o anfiteatro de produção da seára, tudo rezultado do seu esforço titanico, das enerjias dos seus braços vigorozos.

Depressa, porém, passou-lhe pelo sentido uma idea dezoladora, mas real: O'! toda aquela produção que brotava com ezuberancia do sólo era sua obra! Fora el que com o aussilio da charrua ou da enxada revolvera muitas vezes a terra fecunda, renovando-lhe as forças produtoras, cujos rezultados agora surjiam em toda a sua poderoza magnificencia...

Mas de que lhe servia que houvesse trabalhado tanto, si o proprietario da quinta, o ociozo, vinha por fim tudo arrecadar, e ele só tinha como retribuição um mizero salario !

Tudo lhe arrebatavam da sua produção, mas um dia virá, — disse ele—que a terra pertencerá a quem a trabalhe, e não mais haverá proprietarios. Entretanto, hade o capital continuar explorando o trabalho?

E o homem indignado apertou os punhos furiozamente, ameaçando com eles a abobada celeste. Os seus cabelos grizalhos, todos desgrenhados, num gesto de colera impotente pronunciava terriveis anatemas, a dezejar que os elementos naturais se dezencadeassem sobre o planeta e exterminasse impiacavelmente todos os seus habitantes, para dar logar ao surto de uma nova geração menos cruel!

Ao proferir estas ultimas palavras já os musculos contorciam-se em estalidos dentro do craneo, incharam-se-lhes as orbitas e numa total dezagregação de sentidos e forças, o corpo ezauto, deixou-se cair sobre um montão de videiras secas.

O sol ainda mais causticante banhava aquele corpo já imovel. Por cima dos seus grosseiros sapatos passeava um lagarto a morder-lhe a carne.

G. COSTAL.

PARA REFLETIR

A relijião é a aliada natural do rico. Quem diz igreja, pressupõe sempre capitais imobilizados no culto, sustentaculo de qualquer classe de bonzos, sanguesugas que vivem á custa dos trabalhadores. — CAMILO PERT.

O Estado é um autócrata sem igual: tem direitos contra todos e ninguem os tem cntra ele. — ERNESTO RENAU.

A injustiça é a peior das dezordens. — CARLYLE.

As lutas dos partidos politicos, para um povo, são o mesmo que para um carregador o movimento, com que se passa dum hombro para o outro no intuito de procurar um alivio que no fundo é absolutamente falso. — MAX NORDOU.

A revolução é uma obra de todos os momentos; tanto é de hoje como de amanhã.

E' uma ação continua, uma batalha quotidiana, sem tregua nem descanço, contra as forças da opressão da exploração. — E. T. OUGET.

SOCIEDADE LIGA OPERARIA DE BAJE'

Da Sociedade Liga Operaria de Bajé, Rio Grande do Sul, recebemos a seguinte comunicação:

" A' redação d'*O Cosmopolita*

Rio de Janeiro.

E'-me grato comunicar-vos que em sessão de assembléa geral, realizada a 1º do corrente, foi empossada a nova diretoria que deverá reger os destinos desta sociedade, no periodo social de 1917 a 1918, a qual ficou assim constituida:

Prezidente — Izaias da Silva Soares.
Vice-prezidente — João Ribeiro Paredes.
1º secretario — Amantino de O. Santos.
2º secretario — Erasmo Devincenzi.
Thezoureiro — Antonio Pesce.
Procurador — Pedro Ferreira da Silva.

Directores :

Porfirio Rodrigues, Conrado Polino, Anjelino Martins Pedra, José Polino, Luiz Landa, Felecissimo Coitinho.

Conselho fiscal:

Antonio Ferreira da Silva, Ciriaco Lopes Couto, Guilhermino C. Ferreira.

Aproveito a oportunidade para aprezentar-vos os nossos protestos da mais alta estima e consideração.

Amantino de O. Santos
1º secretario.

VARIAS

Iniciamos neste numero de "O Cosmopolita", a publicação de trechos escolhidos da literatura revolucionaria, em espanhol.

O trabalho que hoje publicamos é uma pajina de delicado sabor literario, devida á pena fuljente de Rafael Barret, na qual o eminente publicista uruguaio traça com mão de mestre as agruras daqueles que as circunstancias obrigam a recorrer ao serviço domestico para ganharem o pão de cada dia.

*
* *

Pedimos aos nossos assinantes, que mudarem de residencia, comuniquem imediatamente a esta redação, afim de que não sejam prejudicados na receção do jornal.

*
* *

Aos amigos que dezejarem colaborar no "Cosmopolita", pedimos que remetam os seus orijinais com a possivel brevidade, e, tendo em conta o pequeno formato do jornal, não se alonguem demaziadamente.

Officinas Graphicas do *Jornal do Brasil*